DINÂMICAS DE PODER DENTRO DA FAMÍLIA E SEUS IMPACTOS PARA O PSIQUISMO INFANTIL

Autores: Ana Laura Gaia Alvarenga, Júlia Rosa Dias, Júlia Santos Leite e Silva, Maisa Sguario Jordão Villela Santos, Samara Cristina Consiglio Pereira, Dr. Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,
anagaialvarenga@gmail.com, rosadiasjulia.14@gmail.com, jusantosleite1@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com, sguariomaisa@gmail.com, saasconsiglio@gmail.com.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender as dinâmicas de poder presentes nas relações familiares e seus impactos no psiquismo infantil, a partir da perspectiva psicanalítica. Foi realizada uma revisão de literatura, de caráter qualitativo e exploratório, com base em livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos. A partir das contribuições de Freud (1930), Favero (2022), Montandon (2005), Benedito e Pinheiro (2018) e Ferenczi (1923), identificou-se que as relações familiares exercem papel relevante na constituição psíquica e na convivência social da criança. Os resultados indicaram que autoridade e limites são importantes para o desenvolvimento infantil, mas práticas de controle, silenciamento, retirada de afeto e violência podem favorecer a submissão e comprometer a singularização da criança. Também foram identificadas respostas defensivas diante de experiências adversas, como a clivagem e a prematuração intelectual associadas ao fenômeno do “bebê sábio”. Conclui-se que os impactos das relações familiares dependem da forma como autoridade, cuidado e poder são exercidos, ressaltando a importância do reconhecimento da singularidade infantil.
Palavras-chave: Família. Violência. Psiquismo. Poder. Infância.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Psicologia).

Introdução

Para a Psicologia, mais especificamente para a psicanálise, as dinâmicas familiares têm um papel fundamental para o desenvolvimento do psiquismo humano em especial quando essas relações são analisadas na primeira infância. Para compreender os impactos das dinâmicas familiares para a construção das percepções da criança é preciso esmiuçar os conceitos que fundamentam essa afirmativa.

De modo a viabilizar os conteúdos deste artigo é necessário contextualizar o papel da família no funcionamento psíquico, na atualidade as relações familiares tem se transformado em detrimento das mudanças frente aos paradigmas de atuação, distribuídas para cada membro. Segundo Favero (2022), é o ambiente familiar o responsável por construir um psiquismo suficientemente adequado à cultura e à temporalidade, já que é neste ambiente onde a criança estrutura suas primeiras dinâmicas e padroniza comportamentos que retém como os adequados para suas relações.

A psicanálise adota a compreensão de que é no ambiente familiar onde a criança tem seu primeiro contato com as dinâmicas de poder e onde ela pode compreender quem ela é e quem são os outros. Neste artigo pretendemos discutir como as dinâmicas de poder, que se sobrepõem do adulto sobre a criança, têm a capacidade de impactar o psiquismo a fim de beneficiar ou de prejudicar seu desempenho com suas relações pessoais futuras.

Portanto, a necessidade de destrinchar essa temática se faz a partir da necessidade de responsabilizar as atitudes dos adultos, sejam eles genitores ou não, frente ao crescimento infantil. Pois os discursos de violência direcionados aos pequenos têm sido legitimados em certa medida pela complexidade demandada na criação/educação.

Para isso compreendemos que existem outros aspectos que constroem as dinâmicas familiares mas no entanto para essa proposta levamos em consideração, como conceito principal, a compreensão do

conceito do “bebe sábio”.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo e exploratório, com o objetivo de compreender as dinâmicas de poder presentes nas relações familiares e seus possíveis impactos no desenvolvimento do psiquismo infantil. Para a elaboração do estudo foram utilizados livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos e documentos relacionados a psicologia e psicanálise.

A análise do material foi realizada de forma qualitativa e interpretativa, buscando relacionar os conceitos encontrados na literatura com a perspectiva psicanalítica, a discussão foi organizada a partir dos principais conceitos identificados, especialmente os relacionados à autoridade, relações de poder, violência e à constituição do psiquismo infantil.

Objetivando contextualizar a motivação que move o interesse pelo tema, é importante destacar que as autoras vivenciam o período dos estágios obrigatórios na clínica de psicoterapia individual. Onde os casos acessados são atravessados de dinâmicas familiares em que o poder sobre a criança tem grande impacto para o psiquismo dos pacientes, ainda nos dias atuais. Esta característica coloca em destaque a necessidade de discussão acerca de como os adultos têm exercido autoridade, em específico no ambiente familiar.

Quanto a questões éticas, o artigo é um fragmento clínico no qual a identidade do paciente está preservada; se enquadrando, dessa maneira, na RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016: “Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito”.

Resultados

A partir da análise da literatura psicanalítica selecionada, foi possível identificar perspectivas complementares acerca das dinâmicas de poder presentes na instituição familiar e de seus impactos sobre o psiquismo infantil. Evidenciou-se que a constituição do psiquismo infantil está relacionada ao modo como a autoridade, os limites e a interdição são transmitidos pelos cuidadores, segundo Montandon (2005) e Favero (2022). A partir da literatura freudiana analisada, constatou-se que a imposição de limites participa da inserção da criança no laço social. Entretanto, determinadas formas de exercício da autoridade, quando associadas a estratégias de controle emocional, como a chantagem afetiva e o silêncio punitivo, podem favorecer processos de submissão ao invés de beneficiar à subjetivação e dessa forma deslegitimando a singularidade da criança (Farias; Mello, 2020).

Nesse sentido, nota-se que as relações estabelecidas no ambiente familiar exercem papel imprescindível na constituição psíquica infantil, especialmente porque experiências de sofrimento e situações traumáticas interferem nos processos de maturação e elaboração psíquica. Além disso, determinadas respostas da criança podem assumir uma função defensiva diante das experiências adversas descritas anteriormente, evidenciando a importância de considerar o contexto relacional e o modo como a criança vivencia relações (Benedito; Pinheiro, 2018 e Montandon, 2005). Entre essas respostas defensivas, a literatura ferencziana destaca o fenômeno do "bebê sábio", no qual o psiquismo infantil recorre, como defesa à realidade conflituosa, ao mecanismo de clivagem e a uma prematuração intelectual como tentativa de apaziguar o ambiente interno e externo, a fim de evitar o desamparo decorrente do desmentido adulto.

Discussão

A família ocupa um lugar importante na constituição psíquica da criança, sendo um dos primeiros espaços em que ela estabelece relações de afeto, autoridade, limites e pertencimento. Pela perspectiva psicanalítica, a família não pode ser compreendida apenas como uma estrutura formada por determinados membros, mas também a partir dos vínculos e funções que participam da constituição do sujeito

Nesse contexto, a autoridade aparece como uma parte importante da relação entre adultos e crianças. Em *“O mal-estar na civilização*”, Freud (1930) discute o conflito entre as exigências pulsionais

do indivíduo e as restrições necessárias para a vida em sociedade. Esse contato com limites e proibições pode ser vivenciado inicialmente no ambiente familiar, fazendo com que a criança entre em contato com aquilo que pode ou não pode fazer.

Entretanto, as dinâmicas de poder não estão somente na existência da autoridade, mas na maneira como ela é exercida. Quando os limites passam a ser utilizados como forma de controle, punição ou retirada de afeto, a relação entre adulto e criança pode assumir uma problemática dinâmica de poder. Um exemplo seria o "tratamento de silêncio", quando o adulto utiliza a ausência de comunicação como forma de punição, fazendo com que a criança tente compreender o motivo do afastamento e modificar seu comportamento para recuperar a atenção ou aprovação do adulto.

Para esclarecer o exemplo último, Mello e Farias (2020) ressalta que em um ambiente em que os pais buscam constantemente adequar o bebê aos ideais familiares, independente das reações que ele emite, há um prejuízo à singularização da criança. Essa movimentação aponta para uma dinâmica que se constrói desde o início marcada pela indiferença. Portanto, para essas autores, essa modalidade parental de manejo, deslegitima a individualidade infantil através do silenciamento, vivência que pode ser experienciada como uma violência.

O silenciamento descrito foi identificado na clínica, por meio de um discurso marcado pela racionalização. Ao relatar acontecimentos de grande impacto emocional, o paciente mantinha um tom neutro e analítico, explicando as razões lógicas dos fatos em vez de considerar o que sentia frente às dores vividas. A sobreposição do intelecto ao afeto funciona como uma barreira defensiva.

Essa discussão pode ser ampliada a partir das contribuições de Winnicott sobre a importância do ambiente para o desenvolvimento emocional. Segundo Benedito e Pinheiro (2018), ao discutirem a teoria winnicottiana, o ambiente possui um papel fundamental no desenvolvimento da criança, especialmente durante os primeiros momentos de sua constituição emocional. Dessa forma, a família não participa apenas da transmissão de regras e valores, mas também compõe o ambiente no qual a criança encontra condições para desenvolver recursos emocionais e estabelecer suas primeiras relações com o mundo.

A situação mencionada pode ser relacionada ao conceito de "bebê sábio", desenvolvido por Ferenczi (1923), no qual o psiquismo infantil, diante de determinadas experiências traumáticas, para se adaptar e garantir sobrevivência emocional frente ao desamparo, utiliza como mecanismo de defesa a clivagem, uma divisão psíquica na qual as dimensões afetivas e intelectuais se separam, assim tornando a face vulnerável da criança inibida, enquanto a sua intelectualidade se desenvolve precocemente. Assim, o intelecto sobrepõe-se ao afeto, o que fabrica uma hipervigilância defensiva que permite à criança decifrar e apaziguar o adulto, antes de conseguir elaborar o seu próprio sofrimento. Dessa maneira, ela acaba por responder na experiência vivida inicialmente, que é preciso aprender a compreender o outro antes de conseguir elaborar aquilo que sente.

No manejo clínico, essa articulação emergiu na transferência, através de uma postura de atenção e polidez direcionada às analistas. Associações feitas em sessão revelaram que, durante a infância, o sujeito precisou antecipar os humores e demandas emocionais dos adultos da casa como estratégia de autoproteção, abrindo mão de sua espontaneidade para preservar a estabilidade do ambiente familiar.

Assim, as relações de poder, que se impõem de maneira prejudicial, dentro da família não precisam aparecer somente através de agressões ou imposições explícitas. Elas podem também estar presentes em formas mais sutis de controle como: o silêncio, a retirada de afeto e a necessidade constante de aprovação.

Diante dessas considerações, torna-se importante compreender a posição ocupada pela criança dentro da dinâmica familiar. A relação entre adulto e criança é marcada por uma diferença de papel, uma vez que o adulto possui maior capacidade para ser resolutivo/assertivo e elaborar as situações vivenciadas, enquanto a criança ainda está desenvolvendo recursos afetivos e suas estruturas físicas cerebrais, para interpretar suas próprias experiências e emoções. Além disso, ela depende do adulto para receber cuidado, proteção e reconhecimento, o que torna essas relações intrínsecas para a construção de suas primeiras referências sobre si e sobre o outro. Em *"As práticas educacionais parentais e a experiência das crianças*", Montandon (2005) traz uma perspectiva da sociologia da infância, onde destaca que compreender as práticas educativas também exige considerar a experiência da própria criança, incluindo a maneira como ela interpreta e participa das relações estabelecidas com os adultos. Assim, essa adaptação não deve ser entendida como uma consequência inevitável, mas como uma possibilidade diante das características de cada vínculo e indivíduo. Por isso, é necessário

considerar o contexto em que essas experiências acontecem e os significados que assumem para cada criança.

Pensar sobre essas relações também permite questionar como determinadas práticas são justificadas como parte da educação. A necessidade de estabelecer limites não valida que o posicionamento de controle frente a infância seja adequado em todos os cenários. Montandon (2005) chama atenção para a presença de diferentes formas de autoridade e controle nas relações entre pais e filhos, mostrando a importância de considerar também a participação e a experiência da criança nesse processo.

A inibição de comportamentos que demonstram individualidade revelou-se na clínica na impossibilidade de contatar e sustentar a raiva, principalmente sobre o autor das agressões. Diante de situações de invasão ou desrespeito em sua rotina, o paciente muitas vezes justifica e perdoa o agressor. Nas poucas vezes em que um esboço de indignação surgia no relato clínico, era seguido de defesas e pedidos de desculpas, revelando o temor infantil de que a expressão do seu afeto pudesse desorganizar o ambiente ou suas relações.Dessa forma, práticas consideradas comuns no cotidiano familiar podem ser analisadas de maneira mais cuidadosa, principalmente quando a autoridade passa a ocupar um espaço de poder sobre a criança, a fim de controlar os comportamentos identificados como ameaçadores.

Portanto, a relação entre autoridade e cuidado não pode ser compreendida apenas pela presença ou ausência de limites, mas pela maneira como esses limites são estabelecidos e vivenciados dentro da dinâmica familiar. A psicanálise contribui para essa discussão ao considerar, que as primeiras relações participam da constituição do sujeito e da subjetivação do mundo ao seu redor, que juntamente há outras perspectivas, podem ampliar a compreensão sobre a forma como as crianças são impactadas. Nesse sentido, permanecem questões sobre como diferentes formas de cuidado, autoridade e poder participam da construção das relações da criança consigo mesma e com os outros. Dessa maneira é possível, abrir espaço para a ampliação da compreensão sobre as consequências, que a interação infantil no ambiente familiar, pode culminar a longo prazo.

Conclusão

Os aspectos analisados evidenciam a relevância para o desenvolvimento psíquico infantil, considerando que as primeiras experiências vivenciadas nesse espaço contribuem para a construção da subjetividade, para o estabelecimento de vínculos e para a forma como a criança interpreta suas relações com o mundo. Essas experiências podem produzir diferentes efeitos sobre o desenvolvimento emocional, influenciando também a construção das percepções acerca de si mesma e do outro.

Embora seja necessário estabelecer limites para a inserção da criança no ambiente familiar e social, é fundamental considerar que a forma como são transmitidos pode favorecer seu desenvolvimento e autonomia, enquanto às experiências marcadas pelo medo e pelo silenciamento produzem incertezas e baixa estima pela dependência da aprovação alheia.

Também foi possível identificar que as relações de poder no ambiente familiar nem sempre se manifestam de maneira explícita. Práticas como a retirada de afeto, o silêncio punitivo, a chantagem emocional e a constante necessidade de adequação às expectativas dos adultos, podem assumir formas sutis de violência, especialmente quando se é desconsiderada a singularidade e a experiência da criança.

Assim, compreender o sofrimento infantil exige uma visão centrada nos comportamentos e sentimentos, considerando também as relações e o ambiente nas quais esses comportamentos são apresentados. Pensar na infância a partir da perspectiva psicanalítica, implica em reconhecer a criança como sujeito em processo de constituição, cuja experiência é atravessada pelos vínculos estabelecidos, experiências vivenciadas e reconhecimento de que a validação do indivíduo começa a partir do olhar do Outro. Construir este artigo, utilizando-se das experiências vividas na clínica-escola, destaca o poder da escuta ativa diante de um paciente que por tanto tempo silencia suas vivências internas a fim de manter o equilíbrio das dinâmicas de poder que a constituíram.

Referências

BENEDITO, Maira Brandão; PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa. Ambiente e integração no processo de desenvolvimento emocional: reflexões a partir do trabalho com crianças em situação de risco

psicossocial. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 309-329, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2026.

FARIAS, Camila Peixoto; MELLO, Renata. Compulsão à ocupação: uma face mortífera da contemporaneidade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200003&lang=pt. Acesso em: 25 ago. 2026.

FAVERO, Naquieli Fedatto. *A importância do ambiente familiar no desenvolvimento infantil*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/ff716bd4-318c-4b13-bd2a-bd3da6e2d1e5. Acesso em: 24 ago. 2026.

FERENCZI, Sándor. O sonho do bebê sábio. In: FERENCZI, Sándor. Obras completas: Psicanálise III. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 223-224. Original publicado em 1923.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/SJg9q9YgJJZrbwKs4n878BL/?lang=pt. Acesso em: 25 ago. 2026.